## EXPEDIENTE.

—

— Recebemos a mui attenciosa carta com que nos honrou o nosso amigo o Sr. Daniel Augusto da Silva, Lente da Eschola Naval, remettendo-nos a Memoria appresentada pelo Conselho da referida Eschola, para esclarecimento e confirmação do projecto que propõe para a reforma daquelle estabelecimento. Agradecemos a remessa deste documento da mais alta importancia para a nossa marinha e outros muitos pontos, que com ella tem relação. Os leitores da REVISTA apreciarão como nós o subido valor deste trabalho, que em o numero seguinte começaremos a publicar.

— Agradecemos ao Sr. Francisco Palha a poesia que hoje inserimos. A sua interessante collaboração ha de nos ser muito agradavel.

— Tambem agradecemos a linda poesia que o Sr. Palmeirim nos mandou, como prova de que se não esquecia do quanto os leitores deste jornal presam as suas composições. Esperamos poder continuar brevemente — As Recordações da Peninsula

— O artigo sobre meios de abastecer Lisboa de agua, será publicado.

*Publicações recebidas. — Gazeta Medica do Porto*, n.° 155. Contém: — Applicação do chloroformio a uma parturição instrumental: 1.° caso deste genero em Portugal. Um artigo sobre cholera morbus, e outro sobre as feridas feitas com armas de fogo.

*Revista Popular*, n.° 18. Contém uma estampa representando o Pharol de Nossa Senhora da Luz. A continuação de um artigo mui proveitoso e bem escripto sobre sciencias naturaes. Varios artigos de conhecimentos uteis e poesia. — Vende-se na rua Augusta n.° 8.

A *Questão das Notas* (junho de 1848), por Claudio Adriano da Costa.

# CONHECIMENTOS UTEIS.

—

## MELHORAMENTOS AGRICOLAS.

### II.

544 Dos muitos pontos, de que se compõe a grave questão dos melhoramentos agricolas, apenas escolhemos os tres, de que fallámos em o artigo anterior, para provarmos que muito se póde utilisar e augmentar a productividade do nosso sólo, de si tam fertil, e apropriado para mui variadas e differentes culturas.

E não se pense, que fallamos no ensino, nos jornaes e livros, e nas associações, só porque sejam estes meios, coisas em que os estrangeiros fallam.

Não somos dos que cegamente *importam* qualquer idéa, só porque vem ataviada com as côres de uma nação differente.

Entendemos que antes de se fazerem taes *importações*, convém averiguar, se essas idéas nos são precisas, e se além de não serem uteis, chegam a ser prejudiciaes.

Lá fóra, em relação á propriedade, e em relação ao credito agricola escreve-se e discute-se muito.

¿Mas de que servirão similhantes discussões em Portugal?

A propriedade não é entre nós uma questão.

Não o póde; não o deve ser.

Neste ponto não temos que invejar a paiz nenhum.

As tribus dos proletarios não teem que atravessar mares vermelhos pelo sangue para haverem a promissão do trabalho.

Em a nossa historia são raras as guerras civis que tiveram por base alguma necessidade solida e real.

Quasi sempre o povo tem servido a ambição — Estas contendas, só deixam nas paginas da historia uma nodoa de sangue, e nada mais!

A organisação da nossa propriedade agricola é já um meio do progressivo melhoramento da agricultura, tanto pela posse, como pela sua divisão, e como pelos varios systemas, porque a alienação do seu usufructo se acha estabelecida.

As leis e os factos provam — que é sobre esta arca santa que nós devemos desejar vêr descer os beneficios do céu como recompensa do zêlo e trabalho, que empregamos para que nos leve a salvamento atravez do diluvio de desgraças, que por toda a parte nos ameaça.

Quanto ao credito agricola deixemos — que os que vão adiante de nós no caminho da civilisação resolvam a questão, — se ella se póde resolver: — e em tal caso reservemo-nos para aproveitar as licções da experiencia alheia. Consideremos que nessa questão, não só se arrisca o haver de uma geração, como tambem o patrimonio de muitas.

Somos mui pobres para offerecermos á Europa o modelo de uma instituição, que ella anda procurando á custa de tantos sacrificios.

Não tentemos fazer tudo de uma vez: — mas façamos todos os dias alguma coisa, para que de uma mina despresada e mal cuidada, nos saia o verdadeiro oiro, que nos póde satisfazer a ambicão insensata de concentrarmos a riqueza n'esse symbolo, a que chamamos, moeda, e que tantas vezes consideramos como substanciando em si todos os objectos, que póde representar por meio de continuadas trocas.

Ao futuro deixemos a propriedade como um dogma, — o credito como um problema, — e, como herança que o possa fazer feliz, deixemos-lhe a sciencia propagada pelo ensino, pela imprensa, e pela associação.

É doloroso para confessar, mas não deixa de ser verdade: — a geração, que se vae sumir na sepultura, não tem para testar se não mui poucos desses bens!

A nossa instrucção publica, um dos primeiros elementos do progressivo desenvolvimento das sociedades é uma coisa inqualificavel.

Não representa a era que passou, porque é como o castello feudal, em que o architecto contemporaneo abrisse uma janella quadrada.

Não está de accôrdo com as necessidades do tempo, porque desde a sua origem substitue o que de pouco serve á maior parte da gente ao que todos devem aprender, de modo que entre o *a-b-c*, e todas as profissões da vida não ha outra ponte além da grammatica latina! . . . . . .

Não é apropriada ao paiz, porque o luxo do ensino superior anda a par da miseria do ensino primario e secundario. . . . . .

Temos numero de professores que chega para fornecer quantos se precisem nas Academias da Europa; não temos mestres que cheguem, para ensinar a lêr a decima parte da nossa povoação!

O governo não póde evitar todos estes males, mas póde dar o exemplo para que a nação se não mate de inercia.

Qualquer systema de instrucção publica não póde fazer obra só por si.

É mister que o cerquem de providencias que directamente o façam procurado, e indispensavel.

Deve contar-se que nos seus differentes gráus, apenas no primeiro poderá ser obrigatoria a instrucção; e mesmo assim, é porque este meio forçado vem a servir de meio indirecto para o aproveitamento dos gráus superiores; pois que quem sabe pouco sempre deseja saber mais, do que quem não sabe nada.

As habilitações são um meio seguro de propagar a instrucção, pelo menos, na parte theorica.

Por este lado em Portugal, o ensino theorico da agricultura apenas é cultivado pelo auxilio que a Medicina pede á Botanica.

E para quantos cargos publicos em um paiz, como o nosso, se podia exigir essa habilitação?

Temos mais auctoridades administrativas que saibam os regulamentos militares ou as pandectas; do que pessoas que tenham estudado meia duzia de paginas de um livro de agricultura!

Quanto ao ensino pratico, estamos como sempre estivemos.

Por toda a parte falta o exemplo. Não admira, porque a pratica nunca precedeu a theoria.

Apenas alguns particulares por proveito proprio, teem juntado mais algumas ás mui abundantes provas, do quanto póde o exemplo em materias de utilidade geral, que tem a combater os preconceitos e ás vezes os interesses antigos.

E porque se não estabelece o ensino pratico, accompanhado do ensino theorico?

Porque os Governos de Portugal absorvem ha muito todo o seu talento e todo o seu zelo no que se chama situação politica, e porque o povo só cuida de comer, ao sol, o pão, que a terra lhe dá, esperdiçando em luctas desgraçadas o tempo, que a boa posição do paiz lhe tira ao trabalho, e os meios que a excessiva producção e rara qualidade de um genero lhe vão buscar a outras nações.

Quando ouvimos dizer que o Governo, que as Côrtes não promulgam leis sobre estes pontos, parece-nos sempre, que, além d'esta falta, estamos vendo em a nossa imaginação muitas das municipalidades do reino, adormecidas nos seus paços, e apenas accordando ao brado do pregoeiro das arrematações. Por dois modos, estes corpos respeitaveis, podiam concorrer para o indispensavel ensino agricola; representando e pugnando pela sua conveniencia, perante o Estado; e n'este ponto nem uma só devia faltar; ou recorrendo aos seus recursos, quando isso fosse possivel, aos dos seus administrados, para darem uma prova solemne de que avaliavam os verdadeiros interesses do paiz.

Comece em alguma parte o ensino pratico como a justificação de um clamor geral.

Levante-se n'um canto do paiz, á sombra de qualquer auctoridade, uma instituição agricola, similhante a outras que illustram muitas nações, e temos a convicção de que ficará lançada a primeira pedra para a edificação do ensino agricola, que é da maior urgencia estabelecer e dotar de modo, que não fique sendo, mais, um pensamento civilisador amortalhado no papel, em que se escreveu a lei, que o reconheça como tal.

---

## RENDIMENTO DAS ALFANDEGAS DE LISBOA E PORTO NO ANNO ECONOMICO DE 1847 A 1848.

545 Tivemos a honra de receber o mappa do rendimento da Alfandega Grande de Lisboa, no referido anno economico, mandado organisar pelo actual administrador o Sr. Antonio Joaquim Carvalho e Oliveira, conforme aos dos annos anteriores. Foi deste documento, e de outro similhante, que tivemos presente, com referencia á Alfandega do Porto, que extrahimos as seguintes verbas.

### ALFANDEGA DE LISBOA E PORTO.

| MEZES. | | LISBOA. | PORTO. | TOTAL. |
|---|---|---|---|---|
| 1847.... | Julho | 101:089$689 | 171 517$463 | 272:607$152 |
| | Agosto | 118:484$820 | 217:765$269 | 336:250$089 |
| | Setembro | 150:641$546 | 147:843$064 | 298 484$610 |
| | Outubro | 194:665$385 | 161:081$027 | 355:746$412 |
| | Novembro | 200:241$139 | 149:669$331 | 349:910$470 |
| | Dezembro | 266:587$755 | 229:974$810 | 496:562$565 |
| 1848.... | Janeiro | 162:078$527 | 95:544$458 | 257:622$985 |
| | Fevereiro | 145:061$743 | 116.020$811 | 261:082$554 |
| | Março | 213:625$048 | 180:837$576 | 394:462$624 |
| | Abril | 207:367$960 | 167:478$500 | 374:846$460 |
| | Maio | 274:515$942 | 249:030$871 | 523:546$813 |
| | Junho | 177:347$958 | 176:857$573 | 354:205$531 |
| | | 2.211:707$512 | 2 063 620$753 | 4.275:328$265 |

### DOS PRODUCTOS QUE A VINHA PÓDE PRESTAR AO PENSO DOS ANIMAES DOMESTICOS.

546 Conhecemos que os animaes domesticos nos são uteis, tanto pelos serviços que prestam á agricultura, como pelos productos que cedem a nossas subsistencias, e finalmente pela facilidade de produsirem estrumes, que são materias importantissimas, para a fertilisação das terras.

Esta utilidade justifica de sobejo a necessidade que ha, em prover á sua multiplicação, coisa que, afóra outras condições, só se attinge, com a abastança de bom penso, tirado, ou de pingues prados naturaes, ou melhor ainda, das excellentes forragens artificiaes.

Nós porém, pouco provídos — mais por incuria do que outra coisa — de tão uberrimas fontes de proventos forrajosos, não admira por isso, que estejamos n'um pauperismo tal de gado, que nos coloque na dependencia do estrangeiro, a respeito de muitos de seus productos, de que carecemos, e de que não careceriamos certamente, se outro fôra o estado de nossos rebanhos.

Esta falta de recursos alimentares obriga a que sejamos mais aproveitados, em tudo o que podér servir de sustento. E sendo Portugal um paiz essencialmente vinhateiro, move-nos o desejo de ponderar o que, d'esta mesma circumstancia, podemos aproveitar em beneficio dos gados.

Por consulta de alguns livros, e em parte por nossas proprias, ainda que limitadas observações, colhemos, que as vinhas podem prestar productos, que embora não muito forrajosos, é todavia util e economico, aproveital-os em penso de animaes: estes são a parra ou folha da videira, e o bagaço que fica depois de esprimida a uva, no fabríco dos vinhos.

1.° *Parras.* — Estas folhas não regeitadas pelos jumentos, cavallos, cabras, e bois são bastantemente apetecidas pelas vaccas e ovelhas. E que eu saiba, é dos seguintes modos que a estes se prestam.

— Feita a vendima, se apascentam nas vinhas os rebanhos de gado lanigero: estes, em poucos dias desfolham as cêpas, sem muito roer ou lesar as vides conservadoras, utilisando assim a parra, que se secasse na cêpa, para nada serviria, nem mesmo para estrume. — Aproveitada d'este modo (como tenho visto nas vinhas fortes dos campos do Ribatéjo) — de conjuncto com os restolhos das searas, constitue o principal pasto d'este tempo, tanto para o gado *estante* d'aquelles logares, como do *trans humante*, que desce da Serra da Estrella, ao centro do Alemtéjo.

Não é conveniente assim dal-o, em pastagem, aos bois, jumentos, cavallos, e cabras, por quanto estes preferem muitas vezes, ao acerbo da parra, o adocicado da vide tenra; e roendo as que são conservadoras, prejudicam consideravelmente a futura producção da cêpa. Na excellente memoria do Academico Lacerda Lobo, vem estes animaes considerados, como damninhos ás vinhas.

— Outro modo de prestar as parras é — quando em vinhas fortes, a desfolha se torna uma operação indispensavel para a maturação da uva, ou evitar que apodreça; — em vez de esperdiçar as folhas que se arrancam, deixando as pelo chão: juntar estas, para leval-as aos curraes, onde em mangedouras, se deitem ás vaccas ou ás cabras. A estes ultimos animaes — no Mont-de-l'Or em França — se dão estas folhas depois de machucadas e salgadas, tendo um ligeiro azedo; e diz-se, que influe isto tanto sobre seu leite, que este dá um excellente queijo, altamente apreciado em todo o departamento do Rheno.

— Finalmente, por um processo simples de conservação, se póde obter guardar as parras, para de inverno se prestarem ás vaccas, ovelhas, e cabras, quando a mingua de pastos, ou a inclemencia do tempo, os retem nos curraes — Isto se alcança com bastante economia de melhor pasto — com quem deve alternar — seguindo a prática de conservação, usada na Italia e meio-dia da França, que em substancia é a seguinte: — Tomam se as parras e atulham se, simplesmente murchas, em cisternas ou toneis, e depois de bem calcadas, se cobrem de ramagem, palha, taboas, ou de greda humedecida. Assim estão ao abrigo do sol, que muito as secaria, e das intemperies, que excitariam na massa uma nociva fermentação. — Conservam a côr esverdeada; teem gôsto menos desabrido, que muito menos ainda se torna, humedecendo as com agua salgada, no acto de se darem aos ditos animaes. — Estes ao principio debicam só, mas depois costumam se; é para elles um penso agradavel, que, em muitas provincias italianas, entra com as folhas do freixo, como concorrentes á ceva dos bois e vaccas.

2.° *Bagaço de uva.* — É, como se sabe, o pé que fica, depois da pisa e espreção d'este fructo, ou da repisa de um primeiro pé, quando d'este se faça algum vinho secundario. Portugal, como muito vinhateiro, produz um immenso bagaço d'esta especie, que mais se despresa do que aproveita; pois que a pratica mais commum é, tirado que seja dos lagares, lançal-o á rua, em que a maior parte se perde espalhada, ou acarretada pelas enxurradas. — Quem é mais aproveitado guarda-o, para penso de alguns de seus animaes; pois a uva que é pisada e espremida, deixa ainda em seu bagaço, principios, que não são estranhos, á faculdade nutritiva, como algumas materias mucoso-assucaradas, que teem escapado á fermentação, fecula, sementes emulsivas, alcool, etc. etc.

Para penso dos animaes, póde utilisar se em fresco e em secco. No primeiro estado é menos proveitoso, todavia, tenho visto que o gado suino o procura, quando ainda fumando, se deita á rua, isto para comer a grainha, de que muito gosta; porém não póde demorar se muito tempo n'este acto, sem o perigo de se embriagar, ou atordoar, por effeito do cheiro alcoolico, e emanações do acido carbonico, que em tal estado, se desprendem de sua massa. Husard, veterinario francez, observou, que tambem as vaccas assim o comiam, mas ás vezes se embriagavam, não sem perigo do leite se corromper.

É em secco que mais convem, e neste estado, se dá de inverno aos animaes. Ao meio dia da França, guardam-no para este tempo em tulhas, onde se aperta e calca fortemente, cobrindo-o com parras, a fim de evitar o accesso do ar, que lhe faria criar bolor. — Ahi o dão diluido em agua fria ou quente, só, ou com mistura de raizes e folhas de couve bem cortadas, peculiarmente ás vacas e cabras. Não serve de principal sustento, porém é um auxiliar poderoso, que economisa por um arratel tres de feno, ou luserna com vantagem sobre a quantidade e qualidade do leite. Tam-

bem ahi se tem dado a ovelhas, só, ou apolvilhado com semeas ou sal; este sem inconveniente algum; sustentando-se a este penso por tres meses, em quanto não chegavam as novas hervas das pastagens.

Entre nós, quem lhe reconhece a utilidade, o conserva tambem para o inverno, mas por outro processo, que bem fôra, que muito mais se generalisasse. — Não é o bagaço inteiro que atulhão, mas sim guardão as partes de maior proveito, como o *folhelho e a grainha*. Para isto espalham ao sol o bagaço que sahe dos lagares, e o enxugão e secão; depois com ensinho de páu, tiram-lhe o engaço, que utilisão ás vezes para aquecer fornos; restando só as pelles do bagulho, e as sementes, que se separam umas das outras, joeirando-as em rala joeira. — As pelles assim separadas, constituem o que chamão *folhelho*, que bem seco, facilmente se conserva; as sementes são as *grainhas*, tambem de facil conservação.

*O folhelho* dado só de per si, em sustento, não tem sufficientes principios que alimentem, e por isso, não é de recomendar o seu emprego por este modo. Porém, dado aos cavallos de mistura com a ração, ou em palhada, eu tenho visto que aproveita; pois torna mais apetitosa a comida, e como que mais o aquece, suportando assim mlehor o frio do inverno. — Conheço que além do penso ordinario, depois de molhado e com semeas, se presta aos bois de trabalho, com vantagem para o fogo e energia destes animaes.

A *grainha* é a parte mais nutriente do bagaço. É tão nimiamente oleosa, que se tem proposto entre nós, e effectuado no estrangeiro, a sua extração em grande para usos de illuminação, e outros misteres. — Como penso, destina se particularmente para o gado suino, e por ser tão oleosa não admira, que se considere como excelente para a ceva destes animaes, a quem póde dar se lhes redusida em farinha, e diluida na agua, ou mesmo int ira, o que não é tam bom; mas todavia, é assim, que com algumas mão cheias destas sementes se conservão os *porcos já cevados* nas praças de mercado — Ignoro se se tem prestado ás vaccas leiteiras; mas ha toda a razão em crêr, que lhes aproveitaria, visto que em França comem o bagaço inteiro, dando bom e mais leite o que é mui provavelmente devido á qualidade oleosa da grainha. — Temos, que muito aproveitaria a mistura desta, com o folhelho humedecido, e com farellos, não só aos animaes em questão, como tambem ás cabras e ovelhas, compondo-se assim um bagaço mais puro, do que aquelle que fica com o engaço, e que vimos assim mesmo, serem em França utilisado por estes animaes.

Pelo que fica escripto, se vê, quanto póde ser a importancia de alguns productos das vinhas, na subsistencia dos gados. E se é exacto o que diz Grognier, (distincto professor da veterinaria de Leão) de equivaller um arratel de bagaço a tres de feno. Que riquesa não seria para Portugal, o utilisar antes, do que esperdiçar o muito que desta especie produz; transformando o, já em comer para os animaes que cevasse; já em leite e por consequencia em queijo e manteiga, para os que destinasse a este mister; ou em força muscular para os que trabalhassem; e finalmente em estrumes, que todos produsirião e que são tão indispensaveis á fertilidade da terra!

Lisboa 29 de maio de 1848. *S. B. Lima.*

### MACHINA PARA LEVANTAR FARDOS.

547 Um fabricante de pannos, em Sedan, M. Gillet Devresse, inventou uma machina que tem por fim utilisar, no levantar os fardos, o peso do homem.

A machina é bastante engenhosa, e tem a summa vantagem de, em vez da força muscular do homem, aproveitar o seu peso.

### RECEITA PARA DAR Á NOGUEIRA O LUSTRO E COR DO MOGNO.

548 Começa-se esta operação, lançando-se sobre a madeira uma porção de acido azotico, que se deixa secar. Feito isto dissolve-se, em 750 grammas de alcool, 750 grammas de sangue de drago em pó finissimo, que se lança sobre a madeira até que esta se impregne bem d'este mixto. Depois, em egual porção de alcool, dissolve-se o mesmo pêso de gomma laca, ajuntando-lhe 8 grammas de carbonato de soda, e cobre-se a madeira com esta dissolução. Quando tudo estiver secco pule-se muito bem; e alcança-se o resultado desejado.

### NOTICIA SOBRE UMA TENTATIVA DE CULTURA DO SESAMO NO SUL DA FRANÇA, POR M. VIMORT-MAUX.

(EXTRACTO DO BULLETIN DE LA SOCIÉTÉ D'ENCOURAGEMENT.)

549 A 25 de Abril de 1847, semeei á mão, (diz aquelle cultivador) como se pratica com o trigo grãos de sesamo, em dois quadrados, que tinha cada um 16 palmos de largo e 36 de comprimento. Ambos tinham diversas qualidades de terra.

O primeiro compunha-se de terra argiltosa, e não tinha sido cultivado havia mais de dois annos.

O segundo, que servia para nelle se secarem lãs depois de lavadas, era composto de pequenos seixos e terra vegetal Em ambos não se lhes lançou estrume de qualidade algum, e a terra foi apenas remechida na vespera de se lhe deitar a semente Quiz seguir o que se pratica na Syria, donde eram oriundas as sementes que eu possuia.

Se escolhi o dia 25 de Abril para a sementeira, foi em consequencia das continuas chuvas do mez de Abril e do frio que fazia. Porém, parece-me, que se deverá preferir para o semear o dia 10 de Abril, se o anno não for muito chuvoso. Por este modo a planta não é obrigada a crescer tão vivamente pelo calor; conserva se mais tempo na terra, cria mais raizes, e adquire mais forças para poder resistir a uma mudança subita da atmosphéra.

A 12 ou a 15 de Maio a superficie da terra começou a apparecer verde, e reconhecia-se facilmente a producção de uma planta exotica pelo aveludado e côrte da folha do sesamo, que, no seu principio, é muito carnuda, como as plantas carnosas.

Durante o mez de Maio a vegetação foi lenta; em Junho o crescimento foi maior, e por 15 de Julho as flores começaram a apparecer; depois seguiu-se a formação das capsulas. Nos primeiros 15 dias de Agosto já não havia quasi flores nenhumas, todas as capsulas estavam formadas e muitas tinham chegado ao seu inteiro crescimento. De 15 a 20 de Setembro amadureceram completamente.

Conhece-se que o sesamo está maduro quando as suas folhas começam a secar-se; as capsulas mais temporãs se abrem no alto, e a casca da planta perde a

sua côr verde. Não se devem deixar amadurecer de todo as capsulas porque teria o inconveniente, ao arrancal-as, as capsulas abrirem-se, e perder-se a semente. Deve se por precaução quando se julgar que a semente está feita, abrir uma capsula, ainda que por fóra se appresente verde. Se a semente estiver feita, de branca, que era, torna se em uma côr de milho claro. Neste caso podem-se arrancar, formar os molhos, e deixal-os seccar.

Se, como disse acima, não fiz trabalhar a terra antes de lançar lhe a semente, foi por que desejei observar o que a naturesa dava: e ainda que operei em sentido inverso do que manda a agricultura, não obstante isso a minha colheita veio perfeita.

O sesamo dá se bem em todas as terras. Entretanto para maior segurança convem preparar as terras, como se faz para os trigos Não me parece que o sesamo requeira um accrescimo de estrume, pela rasão de que desejando esta planta sol, a terra não deve excitar em demasia a vegetação, pois que em caso de secca, morreria. Ao sesamo convem-lhe mais uma terra temperada, do que uma muito excitada.

Se o anno for regular, deve-se semear o sesamo de 10 a 15 de Abril; pois que se a planta leva mais tempo a germinar, em compensação forma-se melhor.

É preciso para esta planta, que no meu campo se elevou a 4 palmos e meio, que a terra tenha sido bem revolvida, de modo que as raizes se possam multiplicar e profundar a fim de manterem o equilibrio da haste, que estando muito sobrecarregada no alto com as capsulas, poderia com o vento ou com as chuvas despegar-se da terra, e perderem-se.

A semente deve ficar sufficientemente coberta para que o ardor do sol não impeça que as raizes profundem bem.

O sesamo não quer ser lançado á terra muito junto. As sementeiras muito cerradas não deixam crear bem a planta em rasão do ar e sol não poderem penetrar até á parte inferior della, em consequencia da sua folhagem ser muito basta, e ter folhas de uma grandeza pasmosa. Medi algumas nas quaes achei 4 pollegadas de largura e 9 de comprimento.

A producção do sesamo é pouco mais ou menos de 100 capsulas, contendo cada uma 50 a 60 sementes.

### MODO MECHANICO DE VOTAR.

550 Samuel Frederico, machinista francez, acaba de construir um machinismo, por meio do qual cada votante póde, do seu logar, fazer subir de quasi dois centimetros uma columna de um liquido córado, mettido em um tubo de vidro vertical, cylindrico, no caso de emittir um voto favoravel; ou em outro tubo similhante se o voto fôr desfavoravel.

Estes tubos são munidos de umas tabellas graduadas e numeradas, de modo que em um golpe de vista, que qualquer lance em um ou outro tubo, poderá verificar o numero dos votos, em um sentido, ou em outro, segundo o numero onde se tiver fixado a columna do liquido. Um tubo de um metro é bastante para 50 pessoas.

Por outro machinismo mui simples, o nome do votante apparece ao lado do tubo, conforme o sentido em que votou. Uma cortina esconde os nomes, no caso da votação ser secreta.

Dezoito pares de tubos similhantes bastam para uma assembléa de novecentas pessoas.

A machina póde tambem servir para a chamada, evitando-se a perda do tempo que n'ella se gasta, e determinando o numero dos membros presentes á chamada.

Esta machina foi appresentada á Assembléa Nacional franceza.

*Moniteur Industriel.*

### MORTES PREMATURAS.

551 M. Rayer, membro da Academia das Sciencias, em uma das suas ultimas sessões, captivou a attenção geral pela leitura de um relatorio feito sobre um notavel escripto de M. Bouchut.

Ha muitos annos, que M. Manni tinha proposto um premio de 1500 francos, para aquelle que, tratando da questão das mortes apparentes, conseguisse indicar os meios seguros e praticos de previnir os enterros prematuros.

De innumeraveis memorias, que teem sido appresentadas á Academia, apenas a de M. Bouchut, satisfazendo ás condições do concurso, mereceu em quasi todos os pontos a approvação e os elogios da commissão.

O jornal francez donde extrahimos o que se lê acima, promette publicar uma analyse d'esta obra: — nós pela nossa parte, logo que a podermos colher ás mãos, procuraremos enriquecer as nossas columnas com um trabalho de tanta utilidade.

# PARTE LITTERARIA.

## O PRESO. *

### XXX.

552 Não sei quando Deus findará esta larga provação.

Não me bastavam só os meus acerbos padecimentos, ainda os pesares desse preso, que tanto sympathisou comigo, vieram amargurar-me a existencia.

Desgraçado! A sua vida é uma historia horrivel!

Desde que foi para a enfermaria andava sempre a querer fallar-me.

Quando pela primeira vez ahi o vi, parecia-me um desenterrado. Tinha os olhos encovados e tam denegridos em roda, que até as faces pareciam pisadas.

Descerrou os labios mordendo-os, como quem sente uma dôr aguda, e com voz debil, que se lhe sumiu dentro do peito, pronunciou o meu nome.

Tirou debaixo da cabeceira uns papeis fechados, e disse-me entregando-m'os: — «Abre-os, se eu morrer.»

* Vem do n.º 30.

Foi progressivamente melhorando e esta manhã procurei-o para lh'os entregar.

Não os acceitou.

Ponderei-lhe que em poucos dias partiria para o Porto, que não sabia qual seria a minha sorte, e então que de nada me servia conservar esse deposito.

« É o mesmo — me respondeu elle: — Não quero vêr mais esses papeis: ainda conheço que estou na beira da sepultura, apesar que já me julgam longe. O veneno foi dado para matar. »

Só então soube que o tinham envenenado. Ousei perguntar quem fôra o assassino: e o infeliz sentou-se na cama, limpou com as costas da mão o suor lento que lhe orvalhava a fronte, e empallidecendo ainda mais do que já estava, solta estas palavras dos labios estremecidas por um riso ironico.

« Foi ella. »

Observei-lhe que estava louco, que não sabia o que dizia, mas segurando-me as mãos e turbando com lagrimas o brilho febril que lhe animava os olhos, perguntou-me — se me lembrava de uma pobre, que em uma das minhas visitas encontrei ajoelhada ao lado da barra com os cotovelos sobre a enxerga, e com a cabeça quasi escondida entre as mãos e um lenço.

Lembrei-me perfeitamente desse encontro de que não fiz muito caso, e ouvi com espanto, que o desgraçado me disse, — era ella, que trocou as sedas pelos farrapos, para se humilhar ante quem tantas vezes lhe cahio debalde aos pés supplicando-lhe uma esperança no olhar ou no soriso.

Sinto que me não ficasse na memoria tudo quanto lhe ouvi, para aqui o escrever, como uma recordação deste mysterio terrivel, que me revela o poder que o crime exerce na sociedade, que eu não conheço, e que se ostenta com o prestigio fastuoso de mil brilhantes illusões.

Antes a solidão dos nossos cazaes e a pobre simplicidade da vida da minha terra, tendo o coração puro e a alma socegada, do que esses encantos, que o pobre moço me descrevia tão seductoramente mas que escondem no seio crimes, que antes de se conhecerem não se imaginam.

Na presença de taes factos, cada vez amo mais a minha Margarida, cada vez desejo mais a vida socegada da aldêa.

Parece incrivel, que se ame assim uma mulher, que se sacrifique a vida, e ainda mais que se sacrifique tambem a honra, e que em troca de taes provas se receba o despreso e no fim a morte.

Além do crime da letra falsa, que o trouxera a esta prisão, além das ruinas a que o conduziu o jogo, esse infeliz estava por outros crimes, ligado á mulher que amava.

Depois de preso ella receou, que a justiça fosse arranca-la dentre os prazeres, com que embriagava a vida, ou que a opinião publica lhe estampasse na fronte a maldicção, que tinha de a perseguir durante a vida.

E aquelle insensato perdoa tudo isto, a troco de uma esperança remota, que não é senão mais uma mentira.

Quando eu lhe mostrei o perigo para que ainda o arrastam; quando lhe fallei do degredo que talvez lhe preparam, parecia delirar, e chegando-me a si respondeu-me em voz baixa — « Veio aqui convencer-me, que uma mulher póde ainda amar depois de querer matar. Ella não commettia um crime, salvava a sua honra. Prometti... jurei escravisar-lhe inteira a vida... chegar até á forca se fôr mister, sem revelar um só dos segredos que a perdiam. Não quero manchar com a minha voz o explendor de um brazão que muitos respeitam, não quero com a minha vingança ir mostrar, que um rosto de anjo serviu de desfarce ao demonio, para tornar a apparecer no mundo! »

E caíu-me nos braços ao findar tão estranha confissão.

Santo Deus! como o dia já vae adiantado.

Meu pae não veio ver-me. Andará mais adoentado do que estava hontem.

Deus lhe conserve não só a vida mas tambem a saude. Não posso imaginar que ha-de padecer longe de mim.

O melhor remedio para a doença é o carinho dos que nos presam.

Quando penso, que minha mãe morreu, sem me ter ao pé de si, e me vejo aqui entre estes ferros, estando meu pae já tão avançado em edade, receio, que ainda sejam muitas as fezes do calix da amargura, que Deus me destinou!

E não haver em uma cidade tão grande quem olhe compassivo para esta casa de tormentos!

É um crime sem perdão esquecer d'este modo os entes mais desgraçados da sociedade.

Basta estar preso para ser infeliz, quanto mais soffrer a demora dos processos, e os abusos inauditos da justiça.

É quasi noite... a penna cahe-me das mãos, porque tão grandes padecimentos me enfraquecem tanto o corpo como o espirito.

*(Continua.)*

MARINO FALIERO. *

TRAGEDIA DE MR. CASIMIR DELAVIGNE.

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES.

POR

*J. da S. Mendes Leal Junior.*

—

ACTO I.

*A Camara do Doge.*

SCENA VII.

OS MESMOS E VEREZZA, OFFICIAL DO PALACIO.

553 VEREZZA.

Fallar a Vossa Alteza
E o que esta graça vem rogar.....

FALIERO.

Não posso:
Um Patricio que seja. — Se traz queixas,
Vá queixar-se aos Quarenta!

VEREZZA.

O seu pedido
Não póde ser mui grave para o Estado.
Vi-lhe o trage — é do povo o pretendente
Um maritimo, penso. . .
*(Partindo)*

FALIERO.

Então que venha.
*(Verezza pára)*
É nossa obrigação — devo escutal-o.
O povo. . . — Serve a patria; tem direito
Para ser attendido. — Que entre: espero-o
E por mais que me custe. . . — Introduzi-o
*(Verezza sáe)*
Meu soccorro implorar é já dizer-me
Que padece — e talvez. . . — nos seus discursos
Perceber poderei. . .

FERNANDO.

Cumpre deixar-vos?

FALIERO.

Sim, deixa-nos. . .
*(Fernando vae a partir)*
Detem-te: — Não procures,
Não busques esse Steno. — É d'ora avante.
Sagrado para ti! — Sua cabeça
É minha — é minha só! — Respeita-a: mando
*(Fernando sae)*
*(Meditativo)*
Conta, por certo, amigos o queixoso;
E por elles. . . Em fim: posso attendel-o.
É dever: — Eil-o. . .

*(Continúa.)*

* Vem do n.º 30.

BELLAS-ARTES.

MESTRIA DE DESENHO EM UMAS LITHOGRAPHIAS.

554 Recebemos do Porto um brinde, que muito nos maravilhou pela sua originalidade e muito merecimento.

Lisongeou-se nos o amor, que temos, aos progressos das bellas-artes nesta nossa terra, examinando uma prova solemne da felicidade, com que um portuguez as cultiva em uma das mais dificeis partes.

Constou o brinde, de que fallamos, de alguns exemplares de umas lithographias, feitas no Porto, pelo Sr. Neves, discipulo do Sr. João Baptista Ribeiro, lente de desenho e director da Academia Polytechnica d'aquella cidade.

Os laços intimos de parentesco, que nos ligam ao mestre, não pódem evitar, que ao discipulo votemos o louvor que tanto merece. Seria uma grave injustiça, se, por tal motivo, occultassemos ao publico a noticia de termos no Sr. Neves um artista de brilhantes esperanças.

No desenho, e mormente na lithographia, o acabado das sombras destaca-se do contorno, como deste nos quadros se separa o colorido, com a differença de que, muitas vezes, basta o simples contórno do lapis, para dar mais expressão a uma figura, do que os repetidos *toques* de um pincel.

Assim acontece quando o lapis é manejado por esses fogosos improvisadores que causaram a admiração de todos, pela extraordinaria fecundidade de seu talento, e pela assombrosa execução do que pensaram.

Quando, por exemplo, examinamos as obras de *Sabatelli*, talvez o primeiro improvisador da Italia, ou as do nosso insigne *Sequeira*, não atinamos com o segredo, que poz no lapis as azas do genio. Conhece-se que o pensamento correu sobre o papel, como uma onda levada pelo vento; mas que ahi deixou impressa tão perfeita imagem, que os traços se transformam em vultos animados, que nos illudem perfeitamente.

Foi isto o que nós sentimos, examinando nessa mesma cidade, donde nos mandaram as lithographias a que nos estamos referindo, as obras completas de *Sabatelli*, e uma copiosa collecção dos riquissimos improvisos de *Sequeira*. — E temos orgulho em confessa-lo, os olhos fugiam-nos do luxo dos improvisos de *Sabatelli* para a bellesa simples e magestosa do nosso *Sequeira*. Mais tarde, pessoa mui competente confirmava e auctorisava a nossa opinião, escrevendo-nos em uma carta artistica: — « Comparando as obras dos dois artistas, judi« ciosamente, a primazia é de *Sequeira*. Este é mais « correcto, mais apurado, apresenta idéas mais novas « e arrojadas, nas quaes o bello ideal dos antigos se « ostenta magistralmente. »

Mal pensavamos, que dois annos depois de se passar o que contamos, o Sr. Neves nos faria gozar o mesmo prazer.

As suas lithographias são obra para ser examinada pelos mestres. O lapis do copista luctou tão victoriosamente com o improvisador *Sabatelli* que, ao examina-los, cuidar se ha estar vendo os originaes.

Uma das estampas representa Ugolino; e a outra Spurio Cassio, na batalha de Dyrrachio, fingindo fugir depois de receber muitas feridas, para voltar atraz e matar alguns dos contrarios.

Estas lithographias juntam ao seu extraordinario merito a raridade de se não venderem.

Receba o seu auctor nestas linhas, não só o tributo

sa nossa admiração, como tambem a de algumas pessoas mui competentes a quem já os mostrámos.

### A COIMBRA.

555 Adeus, Coimbra saudosa,
Que eu amei com tanto amor!
Fica em paz! — ah! sê ditosa!
Que eu me vou com minha dôr!

Nas aguas do teu Mondego
Fica, formosa, a mirar-te!
O Mondego é teu amante
Que vem triste os pés beijar-te,
Mas que sorri quando a aurora
Vem do somno a despertar-te.

N'um bello throno de flores
Veio um anjo aqui sentar-te!
Veio aqui brilhante sorte,
Vida d'encantos fadar-te!
Veio diser-te — *Sê grande*
*Terás nome em toda a parte!* —

Foste grande!! Ás lusas quinas
Déste um forte baluarte!!
Vieram reis de Castella
Teu auxilio a supplicar-te:
Veio o moiro aqui rendido
O duro alfange entregar-te!

E se os louros da victoria
Souberam tão bem c'roar-te
Exemplos de lealdade
Quem póde, Coimbra, dar-te?..
Esteve aqui Martim de Freitas
No seu Castello a guardar-te!

E hei-de eu partir, ó cidade,
Que amo com tanto amor!!
Quem na triste soledade
Consolará minha dôr?!..

Á minha patria recordas
Mil tropheos quasi esquecidos;
Monarchas d'antigas éras
No campo nunca vencidos,
Aqui descançam! — Não vemos
Hoje seus feitos seguidos!

D'Ourique o nobre soldado
Aqui dorme um somno eterno!
Seu braço, terror dos moiros,
Terror dos filhos do Averno,
Caiu ao sopro da morte
Como a folha cae d'inverno?

.....

Á tua c'roa de loiros
Tu juntaste meigas flores!
Tão bella, tu não cedêras
O ser patria dos amores!
Déste lições de ternura,
Nunca ensinaste traidores!

De Portugal nas cidades,
Coimbra, — tu tens a palma'
Ao deixar-te em mim eu sinto
A morrer do peito a calma!
Oh! Que pungente saudade
A queimar-me os seios d'alma!

Adeus pois, sultana airosa!
No teu coxim de verdor
Fica em paz! oh! sê ditosa
Que eu me vou com minha dôr!

*F. Palha.*

### TRADUCÇÃO DA ENEIDA PELO SR. BARRETO FEIO.

556 Uma traducção poetica (disse engenhosamente Delille), é uma importação de riquesa estrangeira, para a litteratura nacional; esta proposição que é verdadeira relativamente a todas as traducções poeticas, o é muito especialmente em relação ás que se fazem dos Poemas da antiguidade Grega e Romana. Os Poemas daquellas nações, segundo o voto, e parecer dos melhores criticos, são os mais perfeitos modêlos que temos para a imitação e aperfeiçoamento do gosto, achamse escriptos nas linguas mais harmoniosas e ricas que os homens até aqui tem fallado; quando um homem instruido, um poeta digno deste nome, toma a si a empresa de passar qualquer delles para a lingua materna, é força que a obrigação em que se acha de luctar com o original para emparelhar com elle, o obrigue a empenhar todos os recursos do seu idioma, e crear novas phrases pittorescas e expressivas, outras maneiras de dizer, um colorido novo, que dê um nobre aballo ao coração, e deslumbre a sua phantasia.

A experiencia mostra que as nações que possuem maior numero de grandes poetas, são tambem aquellas que possuem maior numero de traducções poeticas dos Poemas Gregos e Romanos. Não ha um só que se não ache vertido em Francez, Italiano, Allemão e Inglez, e os seus mais affamados vates não teem despregado o nome de traductores, que os ignorantes chamam servil, mas que os homens de bom senso, tiveram sempre em muita conta. Pope, Monti, Pindemonte e Cesaroti tradusiram Homero em Inglez e Italiano; Salvini tradusiu quasi todos os Poemas Gregos; Dellile e Gaston tradusiram Virgilio em Francez, e Rochefort e Saint Ange a Illiada. Driden em Inglez e ninguem dirá que estes Poetas não eram da primeira ordem.

É pois fóra de duvida que a traducção em verso de um Poema da antiguidade é um grande serviço feito á litteratura nacional, e muito mais á Portugueza, pois não ha nação mais pobre do que nós em traducções poeticas.

É por isso que nos alegramos com o apparecimento de uma nova traducção da Eneida de Virgilio, pelo Sr. José Victorino Barreto Feyo. Este litterato bem conhecido pelas sua versões de Sallustio e Tito Livio, e pelas bellas edições de Gil Vicente e Camões elegantemente impressas em Hamburgo, e acompanhadas de muitas notas proficuas para a intelligencia daquelles auctores, e para correcção dos textos, que andavam sobejamente viciados, quiz empregar o ocio dos seus ultimos annos nesta tão ardua como interessante tarefa.

A sua traducção da Eneida é em trez tomos de que já sahiram á luz dois em uma edição rica, formato de quarto, em optimo papel, e naquelles brilhantes caracteres, que só se encontram na Officina Regia: tem o texto ao lado que o traductor procurou que fosse o mais correcto possivel collecionando e cotejando para isso as mais accreditadas edições.

A versão é em verso solto, facil, harmonioso; a linguagem é pura, bem bebida nos classicos do seculo de Quinhentos, acham se nella bem entendidos os trechos mais difficeis como era de esperar de um tam grande admirador de Virgilio, e que tam continuada leitura tem feito das suas obras, sem fallarmos das muitas traducções que precederam a sua em diversas linguas, e de que podia ajudar-se tanto.

Elegancia e fidelidade, parecem formar o caracter desta nova traducção, e sem fidelidade nos parece que não póde haver traducção boa. Passou o tempo em que era moda dar por traducções dos poetas antigos e modernos, imitações paraphrasticas, torneadas, em que os traductores caprichavam em desfigurar as feições do original, tornando muitas vezes um gigante cheio de força e de vida, em um pigmeo rachitico, palido e enfermiço. Assim o praticaram Letourneur com Shakespeare e Young, Dupré de Saint Maur com Milton, Gin, Madame Dacier com Pindaro e Homero. Similhantes traducções, hoje enteiramente esquecidas, são uma injuria para o auctor, um engano para os leitores, e uma prova de falta de uso, e ruim gosto dos traductores. Dellas veio o dictado italiano *traduttore, traditore* e a sentença portugueza «*uma traducção é um pano de raz visto pelas costas*.»

Hoje quer se (e com rasão) que uma traducção seja um espelho que fielmente reproduz em si o objecto, que se appresenta ao seu alcance! quem não tem força para tanto dá d'avesso a tão difficil empresa.

O Sr. Barreto Feio aspirou a esta gloria, e parece-nos, que a conseguiu, ao menos na maior parte do seo trabalho, e oxalá que não tarde com a publicação dos quatro ultimos livros, e das notas tão eruditas, sem pedantaria com que enfeitou cada um dos livros aplainando assim a estrada para a boa inteligencia do poeta latino.

Aconselhamos pois aos amadores de antiguidades e da bella poesia portugueza a leitura deste nova versão; uma das obras, que mais honram neste seculo a nossa litteratura.

*J. Maria da Costa e Silva.*

---

## THEATROS SUBSIDIADOS.

### I.

557 Quando em qualquer nação, o Estado presta subsidio a um theatro, constitue-se na obrigação de cumprir um dever que explicitamente lhe concede o direito de fiscalisar o uso que se faça desse subsidio.

Além da fiscalisação, ou inspecção superior, que se refere á moralidade publica e aos regulamentos policiaes existe então a responsabilidade de que uma parte do rendimento do Estado não se afaste da sua verdadeira applicação, ou seja indevidamente despendida.

Todas estas rasões crescem de pêso, quando o paiz, que dota os theatros, é, como o nosso, um paiz empobrecido e empenhado, que se acha quasi na situação do homem, que mal tem para o indispensavel á vida.

Avaliamos as rasões porque os subsidios foram votados; reconhecemo-las como a Camara e só nos parece que não ha proporção entre o que se concede ao theatro italiano e o que se dá ao theatro nacional, bem como não achamos tambem eguaes as rasões que se allegam para a concessão destes dois subsidios.

Pondo de parte a conveniencia publica de taes espectaculos, principio social que se póde applicar a ambos os theatros, o que mais vezes temos ouvido ponderar em favor do theatro de S. Carlos, são os centos de pessoas nacionaes que sustenta. Ora chega a ser ridiculo appresentar este argumento na presença das provas que a empreza nos deu ainda na epocha finda, daquella progressiva economia, que depois de haver supprimido as *primeiras partes*, ía, quasi que diariamente, tirando da scena um corista e um comparsa, pensando que o publico deixaria de conhecer o estratagema, em quanto não ficasse só um par de cada classe. Esse argumento de forçado patriotismo que já tem tido origem em inspirações estrangeiras é todo em favor do theatro portuguez. Ahi não acontece como em S. Carlos, onde o tostão do misero comparsa, vem justificar os contos de réis que se pedem para o estrangeiro, ou para o saldo da conta de ganhos e perdas.

O theatro nacional auxiliado judiciosamente como devia ser, offerecia meios não só para esses comparsas, que tantos cuidados merecem aos defensores de mais grossos interesses, como tambem poderia sustentar um corpo de baile e uma boa orchestra. E ainda além de tudo isto um subsidio conveniente e bem applicado iria prestar auxilio valioso a um dos ramos da nossa litteratura, abrindo a muitos talentos brilhantes uma carreira honrosa, e juncada de loiros.

Um exemplo basta para provar o que affirmamos.

O Sr. Conde de Farrobo teve a generosidade de empregar no costeio do theatro de S. Carlos avultadas sommas. ¿Mas o que resultou do emprego de tam importante capital?

Uma recordação. Talvez uma saudade que nunca mais se metigue e nada mais.

Tivemos um theatro lyrico como se fossemos a primeira nação da Europa, e depois qualquer aldêa da Italia nos levará a palma.

Se uma somma proporcional a essa se houvesse judiciosamente empregado para costear por algum tempo o theatro nacional, o theatro já estaria fundado entre nós como uma instituição civilisadora e honrosa para o paiz.

O talento desenvolver-se-hia com o premio devido ao trabalho, e os nossos auctores e actores teriam para sempre fixado o seu feliz futuro: o gosto do publico haver-se-hia formado, e se o auxilio faltasse, a instituição em vez de se ridicularisar como aconteceu ao theatro de S. Carlos poderia viver de si.

Estas verdades pódem não convir a alguns interesses, mas convém ás letras patrias, convém á nação, que paga e que deve pagar para o que lhe deva ser de mais proveito e gloria.

Admittido o principio do subsidio, francamente confessamos, que o do theatro nacional é comparativamente muito menor que o do theatro italiano, podendo ser muito mais productivo e bem empregado do que este ultimo.

O subsidio do theatro de S. Carlos na presença do facto deste theatro se abrir só metade do anno, vem a ser o dobro da quantia que se fixa, em comparação do arbitrado para o theatro portuguez, que tem de se conservar aberto todo o anno.

Ainda que pelos motivos, que ficam expostos, não estejamos de accordo com o que vae regular esta materia, ainda nos parece que haveria alguns meios de evitar que o theatro de S. Carlos comece a sua nova epocha tam vergonhosamente como findou a do anno corrente, e que o theatro portuguez saia desse espasmo em que se está definhando com bastante desdoiro nosso. Será isto o que examinaremos em outro numero, pois que desde o principio da nossa redacção, sempre considerámos a questão dos theatros como uma questão importante.

# NOTICIAS.

## ACTOS OFFICIAES

DE 24 DE JUNHO A 4 DE JULHO.

*Diario do Governo n.º* 150.

558 Carta de Lei elevando a tres contos e seiscentos mil réis o subsidio do hospital de invalidos em Runa.

*Dito n.º* 151.

Instrucções para a escripturação e fiscalisação dos pagamentos de contribuições e impostos que se realisarem, na conformidade da Carta de Lei de 23 de maio de 1848.

*Dito n.º* 152.

Carta de Lei substituindo a tabella da Carta de Lei de 1841, com o fim de ser reedificado o edificio do extincto convento de S. Francisco, no Porto, e para ser estabelecido n'elle uma praça ou bolsa e o tribunal de commercio de 1.ª instancia.

Circular para se activar a cobrança das dividas á fazenda publica.

*Dito n.º* 155.

Portaria á Direcção da Companhia dos Canaes da Azambuja, expondo as queixas que o Governo tem recebido, contra a mesma, pela execução dos seus trabalhos n'aquelles canaes, e ordenando-lhe varias providencias de interesse publico.

*Dito n.º* 156.

Carta de Lei modificando as providencias do Decreto de 19 de novembro de 1846, para o pagamento das dividas ao Estado, compreendidas nas disposições dos Decretos de 26 de novembro, e 1 de dezembro de 1846, e Cartas de Lei de 5 e 16 de novembro de 1841.

*Estado do Banco de Portugal.*

| | |
|---|---|
| Notas do Banco de Portugal em circulação . . . . . | 49:370$000 |
| Depositos moeda metalica . . . . | 187:995$239 |
| Numerario metalico em caixa. . . | 280:710$739 |
| Prata além do dito numerario. . . | 11:675$200 |

*Lei para os portes dos jornaes.*

Dona Maria, por Graça de Deus, Rainha de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os Nossos subditos, que as Côrtes Geraes Decretaram, e Nós Queremos a Lei seguinte:

Artigo 1.º As publicações periodicas litterarias ficam isentas de pagar porte de correio.

Art. 2.º As publicações periodicas politicas pagarão dez réis de porte de correio por folha de impressão, seja qual fôr o seu tamanho, ou a distancia a percorrer.

§ *unico.* Por meia folha de impressão, ou qualquer outra fracção de folha, sobre si, pagar-se ha o mesmo que por folha inteira; e quando vá junta a outra, ou a outras folhas será isenta de porte.

Art. 3.º Pelas publicações periodicas estrangeiras, quer litterarias quer politicas, pagar se ha o mesmo porte estabelecido no artigo antecedente para as publicações periodicas nacionaes politicas.

§ *unico.* Quando a Administração do correio pagar porte aos correios estrangeiros, este se accumulará.

Art. 4.º As publicações litterarias nacionaes, para que possam ser favorecidas com a disposição do artigo primeiro da presente lei, serão remettidas ao correio sobrescriptadas em cintas de papel que contenham a declaração impressa do nome, e qualificação da publicação periodica inclusa, e a rubrica de chancella do editor ou proprietario. Este deverá remetter previamente á respectiva Administração do correio um *fac simile* da sua rubrica, legalmente reconhecida.

Art. 5.º O individuo que violar as disposições desta lei, involvendo nos periodicos papeis de natureza diversa, escrevendo nas suas margens, falsificando as declarações exigidas, ou commettendo qualquer outra fraude, pagará quatro vezes a importancia do porte correspondente a uma carta de egual volume, e deixará de ser remettido o periodico ao seu destino.

Art. 6.º Fica revogada toda a Legislação em contrario.

Mandamos por tanto a todas as Auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, a faça imprimir, publicar, e correr. Dada no Paço das Necessidades, em o 1.º de julho de mil oitocentos quarenta e oito. — A Rainha com Rubrica e Guarda. — Logar do Sello. — *José Joaquim Gomes de Castro.*

## NOVA LOCOMOTIVA.

559 O jornal inglez, *Sussex Express*, refere, em um dos seus ultimos numeros, uma experiencia que se effectuou no caminho de ferro de *Lewes*.

O motor d'esta locomotiva não é o vapor; é uma manivella que os passageiros fazem movor.

Esta locomotiva vae ser empregada na conducção dos guardas e rondas do caminho de ferro.

Anda com uma velocidade de 15 a 20 milhas por hora.

A construcção é simples — pois tem apenas quatro rodas, que são movidas, por outras tantas manivellas.

---

### PRAÇA DE LONDRES.

560 21 DE JUNHO DE 1848.

FUNDOS INGLEZES.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Do Banco | 7 | p. c. | 189½ | 190 | Por 100. |
| Consolidados | 3 | » | Fechado. | | |
| Redusidos | 3 | » | 82¼ | ⅝ | » |
| Fundos | 3¼ | » | 84 | ¼ | » |
| Exchequer bills | | | 36 | 40 | Premio. |

ESTRANGEIROS.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Belgas | 4½ | » | 51 | — | Por 100. |
| Brasileiros | 5 | » | Sem cotações: | | |
| Dinamarquezes | 3 | » | | | |
| Hispanhoes | 5 | » | 12½ | 12 | » |
| D.os | 3 | » | 21¾ | 2¼ | » |
| Hollandezes | 4 | » | 64 | ½ | » |
| D.os | 2½ | » | 42 | 3 | » |
| Mexicanos | 5 | » | 16 | ½ | » |
| Portuguezes | 4 | » | 15 | 16 | » |
| D.os consolid. | 1841 | — | 15 | 16 | » |
| D.os divida interna. | | — | Sem preço. | | — |
| Russos | 5 | » | 88 | 9½ | » |

CAMBIOS.

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Lisboa | | | 51¾ | 52 | Por 1$000 rs. |
| Porto | | | 52 | ½ | » |
| Rio de Janeiro | | | 23 | ½ | » |
| Bahia | | | — | — | — |
| Amsterdam | 12 | 2½ | | 3 | £ |
| Hamburgo | 13 | 12¼ | | ¾ | » |
| Paris | 25 | 50 | 25 | 60 3 av | » |
| Genova | 25 | 90 | 26 | | » |
| Trieste | | | Sem cotações. | | |
| Vienna | | | | | |
| Madrid | | | 40 | ½ | Pezo. |
| Cadiz | | | 46½ | 47 | » |

---

### DESCOBRIMENTOS ASTRONOMICOS.

561 M. Grahanm observou do observatorio de *Markree Castle* um planeta novo.

Aos planetas susceptiveis de se approximarem até ao alcance de nossos instrumentos, parecendo deverem ser sempre em numero assás limitado, é de uso dar-lhes um nome, e de lhes marcar um symbolo. Ao planeta, de que fallamos, M. Graham deu lhe o nome de *Metis*, e por emblema um pequeno circulo inscripto em uma ellipse, coroado com uma pequena estrella.

M. Hind descobriu tambem uma nova estrella, que se acha collocada entre o triangulo formado pelas tres estrellas *tzéta* e *éta* do Serpentario e *nu* da Serpente.

---

### INCENDIOS.

562 Os dictados entre nós são como um quadro em que a nação se pintasse a si mesmo. O lapis de Grandville, o chiste dos auctores dos francezes e inglezes, pintados por si mesmos, ficavam a perder de vista se por ahi houvesse uma penna conhecedora das nossas manhas, que pelos dictados fosse copiando os nossos defeitos. Para o dictado de que — só lembra Santa Barbara, quando fazem trovões, — lhe lembrariamos ainda que só fosse para accessorio, o que se tem passado em Lisboa, ácerca das providencias para acudir aos incendios.

Depois de tantas desgraças e principalmente depois do fatal incendio da Magdalena, parece impossivel, que se não tenha introduzido no systema de acudir aos incendios alguns dos tantos alvitres propostos. Nem sómente a imprensa prestou valioso contingente, tambem alguns particulares offereceram os seus inventos e alguns dispendiosos.

E a nada se deu solução.

Parece que esquecem o que amiudadas vezes nos lembram, não só os sinos da capital, mas essas chamas avermelhadas, que de vez em quando se levantam em diversos pontos da cidade annunciando a ruina de algum edificio e em algumas occasiões a morte horrosa de quem lhe cahe em seu poder.

Nesta semana houveram duas destas tristes advertencias. Aproveitamo-las para erguer novamente a voz ainda que seja no deserto, pois que já depois de havermos insistido na urgencia de cuidar deste ponto, vimos as bombas rotas extravasar pela maior parte a agua com que deviam apagar um incendio, que houve na rua dos capellistas, e as escadas imperfeitissimas, com que pertendiam acudir aos moradores dos differentes andares partirem-se, acrescentando deste modo um novo perigo ao que se corre n'um incendio.

---

### MGR. BARILI.

563 No paquete saído na segunda feira, partiu para Roma, Mgr. L. Barili, auditor da Nunciatura n'esta capital.

Disse-se, que tinha sido nomeado nuncio de S. S. junto á Republica Franceza, mas não é exacto; a sua nomeação parece ser para uma côrte imperial, indo primeiramente a Roma.

Este exemplar ecclesiastico grangeou, durante a sua residencia n'esta cidade, o respeito de todos quantos o tractaram, e sobre tudo dos homens de lettras, pela sua muita sciencia, e estudo que fez das coisas portuguezas. Mostrou sempre decidida affeição a este paiz, e desempenhou dignamente o logar de internuncio na ausencia de Mgr. Di Pietro. Sua Magestade agraciou-o com a commenda da Ordem de Christo, e o *Gremio Litterario* nomeou-o seu socio effectivo.

Deixou entre nós longa memoria dos seus meritos, e um nome mui honroso na Nunciatura de Portugal.

*Silva Tulio.*

---

### PRAÇA DE LISBOA.

5 DE JULHO.

564 Fundos publicos de 5 por cento, 47¾ a 48. Fundos de 4 por cento, 40 e 41. Acções do Banco

de Portugal, 360$000 rs. Acções das Lezirias, 432$ rs. Acções sobre o Fundo de Amortisação, 56 a 57 por cento; e com os 7 ½ pagos, 42 ½ a 43. Escriptos para a 6.ª parte dos direitos das Alfandegas 92 a 94 em moeda metalica. O preço dos mais papeis vae cotado em Notas do Banco de Lisboa. Desconto de Notas, 51 a 52 por cento. Tem sido procuradas.

---

### BARCO DE SALVAÇÃO.

565 Nos meados do mez passado fez-se, em Bolonha, uma experiencia de exame em um barco de salvação, invenção de um inglez.

O barco é composto na sua maxima parte de cortiça.

---

### MISSA NOVA.

566 É já caso raro ordenar se um sacerdote.

Estavamos ha pouco conversando com um eclesiastico, acerca da mortalidade espantosa que, ha coisa de 4 annos, tem havido no clero portuguez, quando elle concluiu, despedindo-se — « Em consequencia do que acabamos de examinar, não tarda que um christão queira uma missa, e não ache quem a diga. »

Sahimos de casa contristados pela significação que encerra a verdade d'estas palavras, em relação á situação do nosso clero, eis que um amigo da infancia, que desde essa épocha, em taes pontos, pensa perfeitamente como nós, vem mui alegremente dar nos a noticia de que, no dia do SS. Coração de Jesus, havia assistido á missa nova de um sacerdote, no Convento do Santo Crucifixo, vulgarmente chamado das Francezinhas.

Era dia de festa na casa do Senhor, e o primeiro acto do augusto ministerio, que ahi se praticava, tornou-se ainda mais solemne, pela pompa da festividade.

Não faltava nada para o fazer solemne e brilhante. O novo sacerdote, sabemos que venceu muitos obstaculos para se ordenar. — Era pobre, e n'esta terra até por falta de meios se perde a tão aproveitavel vocação, que conduz algumas almas escolhidas para o seio da egreja.

O que mais maravilhou os que ouviram a missa foram as lagrimas de jubilo, com que o novo sacerdote saudava esse dia, em que via satisfeitas todas as suas esperanças.

---

### DEVER DE AMIZADE.

567 A sombra do cypreste não cobre só o ultimo repouso daquelles a quem a historia escreve uma commemoração, ou lembrança sobre a pedra do sepulchro. Tambem afagam, ao declinar do sol, as lagrimas, que a saudade de uma familia deixou impressa no tumulo, que lhe encerra as suas mais queridas esperanças.

Assim nós hoje nos approximaremos de uma sepultura cerrada ha pouco, onde jaz a Exm.ª Sr.ª D. Henriqueta Castilho, filha do Sr. Alexandre Castilho, não só para pagarmos um tributo á saudade de um pae, como ás relações de amizade, a quem, longe daqui e com affecto de alma, chorará tanto como o pae e mãe, que inconsolaveis não se podem arredar dos ultimos restos, do que tanto amaram na vida, do que tanto hão-de amar além da morte.

Na primavera da vida, no dia 30 de Junho, ás 4 e tres quartos da tarde, expirou a filha do Sr. Castilho, ao cabo do angustiado padecer de uma violenta affecção pulmonar.

A morte, causada por estas affecções, é sempre acompanhada de extraordinarios e imprevistos incidentes, para os que á força de amor e de cuidados, parecem querer retardar o ultimo... o tremendo momento.

O delirio, que dois dias antes, parecia annunciar-lhe o fim da existencia, não lhe roubou do pensamento a recordação de seu pae e de sua mãe os quaes reconheceu até ao instante em que o viver da terra se encontra com o viver do céu.

Quatro ou cinco horas antes de morrer, o véu que esconde o provir se rasgou ante os seus olhos; e quando já via a gloria juntamente com a morte, despediu-se de todos os que como ella não viam, não mediam o curto espaço que a separava da sepultura.

Quiz Deus por certo, que para antecipar o premio á virtude e á Religião, os perigrinos dotes da defunta não brilhassem por mais tempo neste mundo.

Não temos animo para prolongar tão triste narração, porque sabemos, que, sobre estas palavras, vão cahir as lagrimas dos que tanto a estimaram.

No adeus, que as suas feições deram ao sopro da vida, tomaram tal fórma, que seu pae julgou vêr no rosto da que já gosava da gloria eterna uma exacta lembrança de seu irmão, o nosso mui presado amigo, o Sr. Antonio Feliciano de Castilho.

É este o motivo por que ao illustre poeta, que já com tanta uncção religiosa e ternissima saudade, se inspirou perto do tumulo de um rei, de um irmão e de uma mulher illustre, offerecemos este pobrissimo tributo da nossa respeitosa e verdadeira amizade.